

## APRESENTAÇÃO

*Sociologia & Antropologia* chega a seu nono ano comemorando os 80 anos do curso de bacharelado em ciências sociais, criado em 1939, e os 10 anos do curso de licenciatura em ciências sociais, criado em 2009, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A fim de marcar a data, convidamos Glaucia Villas Bôas, primeira editora responsável da revista, para fazer a curadoria de uma série especial de memória com um pouco dessa já longa e exitosa história, que se confunde com a história das ciências sociais no Rio de Janeiro e no Brasil. Villas Bôas assina, ainda, o primeiro registro dessa série, que publicamos neste número, sobre dois grandes projetos de pesquisa realizados em momentos diferentes da nossa história: o primeiro sobre os grandes grupos econômicos nacionais e estrangeiros no Brasil, coordenado por Maurício Vinhas de Queiroz e Luciano Martins no antigo Instituto de Ciências Sociais na década de 1960; o outro sobre o projeto O trabalhador carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do Estado do Rio de Janeiro, iniciado em finais dos anos 1980 no atual Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, e coordenado em momentos distintos por Alice Rangel de Paiva Abreu e Elina Gonçalves da Fonte Pessanha. Permanências e mudanças ao longo do processo de formação das ciências sociais na UFRJ são discutidas.

Como o leitor perceberá, porém, esse não é o único motivo que faz deste um número especial. Trazemos um subconjunto de artigos sobre o sociólogo estadunidense Jeffrey Alexander, que entendemos ser uma das primeiras revisões sistemáticas e de conjunto de sua obra e contribuição à sociologia contemporânea, como mostra a entrevista feita com ele por Frédéric Vandenberghe.

Em seu artigo, Alexander se posiciona contrariamente à chamada grande divisão entre ciências sociais e humanidades, e propõe, por meio de seu programa de uma sociologia cultural, uma concepção de sociologia que considere os fatos sociais não “coisas”, mas “textos”, isto é, que analise como os significados culturais se enraízam socialmente e estruturam a vida social.

Partindo de um diálogo crítico com as concepções de *performance* presentes na obra mais recente de Alexander, Jean-François Côté mostra como a teoria teatral pode interpelar a teorização sociológica, uma vez que as diferentes visões da “teatralidade” taquigrafam importantes mudanças sociais e, no mesmo passo, diferentes relações entre cultura e sociedade.

Raquel Weiss, por sua vez, explora o que considera pontos nodais da leitura que Alexander faz da obra de Durkheim, buscando discutir como determinados conceitos e argumentos do clássico francês são fundamentais para o programa forte em sociologia cultural, incluída a virada performativa mais recente de Alexander.

Em número em que se comemora também o ensino das ciências sociais, ficamos particularmente contentes em publicar, ainda, textos de quatro ex-orientandos de doutorado de Jeffrey Alexander que dão uma ideia de seu trabalho de formação no que vem sendo chamado de Escola de Yale, além de revisar aspectos

centrais do desenvolvimento teórico do professor. Ron Jacobs começa a série com uma análise pessoal do desenvolvimento da sociologia cultural, e Isaac Ariail Reed termina com uma reflexão mais teórica sobre o poder civil em Weber, Arendt e Alexander. Entre eles, Matthew Norton reflete sobre o lugar de Alexander na sociologia norte-americana, enquanto Lisa McCormick o vê como um intelectual icônico com forte poder performativo. Agradecemos aos colegas Frédéric Vandenberghe pela organização desses textos e Antonio Brasil Jr. por sua curadoria editorial.

O número segue com outras excelentes contribuições. Em “Narrativas seculares e religiosas sobre a violência: as fronteiras do humano no governo dos pobres”, Patrícia Birman analisa encontros e confrontos, na esfera pública, entre discursos religiosos e seculares sobre a violência, e a formação de um repertório de problematizações e de intervenções micropolíticas e também éticas em torno do tema.

A flexibilização do trabalho no campo da música erudita é o tema do artigo de Guilherme Bartz e Ruben Oliven, que analisam por meio de pesquisa etnográfica transformações na Orquestra de Câmara Theatro São Pedro, de Porto Alegre.

Fabrizio Cardoso de Mello apresenta uma revisão da obra de Francis Chateauraynaud, contextualizando-a no âmbito da sociologia pragmática francesa, discutindo as principais contribuições desse autor e acompanhando, particularmente, o desdobramento de sua sociologia da percepção em uma pragmática das transformações.

Em “A dívida galopante: a economia das apostas e os significados dos usos do dinheiro no turfe”, Rômulo Bulgarelli Labronici discute a imbricada relação entre o dinheiro e as apostas no turfe, analisando a economia específica de trocas entre seus jogadores.

Marcela Elian Lima investiga as imagens de esperança produzidas no cancionário sertanejo, entre 1964 e 1985, associando-as às políticas agrárias executadas durante a ditadura militar. Mostra como a esperança representou uma espécie de código simbólico para o qual convergiram diferentes concepções de reforma agrária nessas canções.

Por fim, em “Personalidade e destino: Pedro Nava, Mário de Andrade e a socialização do modernismo”, Andre Bittencourt discute a hipótese de que o modernismo brasileiro dos anos 1920 pode ser pensado, sociologicamente, como um tipo específico de socialização. Para tanto, analisa a correspondência ainda pouco explorada de Pedro Nava com Mário de Andrade, além de uma parcela mais conhecida das cartas deste último para Carlos Drummond de Andrade.

Fecham o número quatro resenhas: de *Explosão feminista* (2018), de He-loísa Buarque de Hollanda, escrita por Verônica Toste Daflon; de *A teoria social no século XX: novas “vinte lições”* (2017), de Hans Joas e Wolfgang Knöbl, por Jayme Gomes Neto; de *The promise of diversity: how Brazilian brand capitalism affects precarious identities and work* (2017), de Nicolas Wasser, por Anna Bárbara de Araujo; e de *Race on the move: Brazilian migrants and the global reconstruction of race*, de Tiffany D. Joseph, por Rodrigo Serrão.

Ótima leitura!